



FRONTEIRA: base teórica para a discussão de natureza e território

Aurea Marchetti Bandeira 1

Francisco Itami Campos 2

Eumar Evangelista de Menezes Júnior 3

RESUMO:

A discussão do tema fronteira, seus conceitos e implicações aduz o porque de sua fronteira como território, esse que tem diferentes concepções. Enquanto nos Estados Unidos a literatura de fronteira manteve-se atrelada à construção da identidade e de um estilo de vida que se constitui na relação do pioneiro e no cenário natural, no Brasil, país de dimensão continental, a conquista do território esteve ligada à visão maravilhada de prosperidade nas regiões de fronteira, especialmente nos discursos da Marcha para Oeste. Nesta esteira histórica, epistemologicamente o estudo científico conquista abordagem clássica ao termo fronteira, servindo de sustentação aos vários estudos propostos no campo sócio ambiental, sendo universo de pesquisa ao Estado de Goiás. A pesquisa descritiva, pautada de abordagem dedutiva e de procedimento bibliográfico é abastecida/alimentado por obras físicas e artigos científicos tudo a construção de uma base teórico-metodológica para a compreensão da relação entre sociedade e natureza à conquista de um conceito pleno de fronteira, tendo como pano de fundo os textos literários de Bernardo Elis e de vários outros a sua concepção.

Palavras-Chave: Historicidade. Campo territorial. Fronteira.

¹ Mestre (Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Brasil). Professora (Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Brasil). E-mail aureamarchetti@gmail.com

² Doutor (Ciência Política, Universidade de São Paulo, Brasil). Professor (Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Brasil). E-mail itamicampos@gmail.com

³ Mestre (Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Brasil). Professor (Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Brasil). E-mail profms.eumarjunior@gmail.com

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

Pautado de método bibliográfico e observacional, o estudo científico consiste na exposição de pensamento de vários autores, quanto a possibilidade da colocação da fronteira, sendo base teórica para a discussão de natureza e território.

A discussão do tema fronteira, seus conceitos e implicações aduz o porque de sua fronteira como território, esse que tem diferentes concepções. Enquanto nos Estados Unidos a literatura de fronteira manteve-se atrelada à construção da identidade e de um estilo de vida que se constitui na relação do pioneiro e no cenário natural (TURNER, 2010), no Brasil, país de dimensão continental, a conquista do território esteve ligada à visão maravilhada de prosperidade nas regiões de fronteira, especialmente nos discursos da Marcha para Oeste (RICARDO, 1959).

Sendo marco principal ao discurso quanto a fronteira, o estudo retoma o primeiro conceito clássico, a partir do qual foram surgindo outras acepções. O conceito iniciativo está preso nos dizeres de Frederick Jackson Turner (2010), um dos mais importantes historiadores norte-americano, considerado o pai da história moderna dos Estados Unidos. O conceito ficou gravado em sua obra mais famosa, *The Significance of Frontier in American History*, essa que demanda a centralidade do processo de expansão para o desenvolvimento da democracia em terras americanas.

Substancialmente sendo marco teórico, destaque há ao conceito em meados do século XIX, quando Turner (2010) começa a criar aquela que seria a base para sua tese de fronteira, isto é, a visão de que fronteira não era algo estático como queria a Europa, mas sim, algo que se movia em um processo contínuo, grande propulsor do desenvolvimento norte-americano. Esse constante movimento levou a América ao seu progresso. Os pioneiros da expansão do território americano na conquista para o Oeste foram considerados “os pais fundadores” desse território. Foi nesse contexto que Turner (2010) começou a analisar os aspectos econômicos e sociais, decisivos para o movimento expansionista.

No Brasil o termo fronteira abrange diferentes concepções tais como Sertão, Ermo, Gerais. O conceito de Sertão, segundo Arruda (2000, p. 256), é “o local aonde a civilização não chegou” desse modo, para o bandeirante que partiu a fim de conquistar o oeste brasileiro, tudo que não ficava próximo a São Paulo era considerado sertão, principalmente as terras que estavam a oeste. Já Ermo, de acordo com Michaelis (2004), pode significar lugar desabitado, despovoado, deserto, e era assim que o oeste brasileiro era visto. Gerais também foi outro termo atribuído pelos bandeirantes para as regiões afastadas dos centros de poder, apartados do mundo civilizado. Bernardo Élis não usa o termo fronteira, no entanto, utiliza outros termos como Sertão, Gerais, Ermos para designar o território que conhecemos como cerrado.

Na tradição histórica do Brasil, autores como Martins, Oliveira, Holanda, Wegner (2000),

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

dentre outros, fundamentaram-se em Turner (2010) e nas críticas ou debates em torno do conceito estabelecido por ele, construindo conceitos diferentes para explicar o processo de expansão para o oeste brasileiro.

Nesse sentido epistemológico, as discussões propostas nesse estudo científico servirão como base teórico-metodológica para a compreensão da relação entre sociedade e natureza à conquista de um conceito pleno de fronteira, tendo como pano de fundo os textos literários de Bernardo Elis. Os textos literários não serão base de análise nesse capítulo. Todavia, entendemos que é fundamental a compreensão do conceito clássico de fronteira, e sua relação com a natureza (*Wilderness*) que serão discutidos, uma vez que a abordagem clássica serve como sustentação aos estudos propostos no campo sócio ambiental.

Fronteira: um conceito clássico

A fim de nos aproximar do conceito de fronteira, primeiro convém fazermos uma consideração a respeito do que foi apresentado por Turner (2010) quando da apresentação da conferência *The Significance of Frontier in American History*, momento em que ele estabeleceu diferença entre a fronteira para a Europa e para os Estados Unidos no *World's Congress of Historians and Historical Students*. Enquanto para a primeira, fronteira possuía cunho político, com significação geográfica - separação de países, população - no segundo, ela era a linha divisória entre a terra povoada e a terra livre, ou ainda, o marco entre o civilizado e o primitivo. Esses dois aspectos, referentes à fronteira nos Estados Unidos, pode-se afirmar, constituem a base para a tese de Turner.

Esse duplo sentido de fronteira está presente na palavra *Wilderness*, que tanto pode significar deserto, quanto selvagem. Para Turner (2010), esse era o lugar onde os colonos poderiam buscar outras condições para se viver, servindo, também, como uma motivação para alcançar a igualdade de oportunidades ofertadas pelas terras desabitadas e, por que não dizer, um permanente reencontro entre o civilizado e o primitivo. E no que pese a tese de Turner que se assim podemos dizer, é na fronteira que o desbravador retorna a seu estado primitivo, na busca por algo melhor, rumo ao que é civilizado. A fronteira foi como uma válvula de escape da escravidão e exploração sofrida no passado.

Portanto, conforme Turner (2010), na fronteira o ambiente é, a princípio, muito mais forte para o homem. Este deve aceitar as condições que o ambiente fornece, ou perece, então ele se adapta às clareiras indígenas e segue em suas trilhas. Pouco a pouco ele transforma a selva e deserto.

A fronteira foi o grande propulsor do desenvolvimento social dos norte-americanos e a base principal de sua extraordinária evolução diante das outras nações da Terra. Ele deixava de lado a ideia

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

de fronteira fixa, como a europeia, inseria uma nova noção de fronteira – a que vivia um processo constante de movimento, do Atlântico ao Pacífico. Assim sendo, fazia a análise de variados elementos econômicos e sociais que foram decisivos para o movimento expansionista.

De acordo com Ávila (2005), a tese de Turner sobre a fronteira sofreu uma variedade de críticas depois de sua morte. Nas décadas de 30 e 40, muitos historiadores rejeitaram sua tese por considerarem-na insuficiente para explicar a história global americana, achavam-na empírica. Só nas décadas de 50 e 60, ela foi retomada por historiadores que se propuseram a falar do Oeste. No final dos anos 60, a *frontier thesis* tornou a cair em descrédito com advento da Nova História Social e, ainda, nos anos 80, sua tese foi descartada. No entanto, essa afirmação de Ávila (2005) não pode ser tomada em sua totalidade, haja vista a grande influência de Turner nos intérpretes do Brasil, principalmente, por aqueles que trabalham com território.

Apesar das críticas, Turner (2010) tem, finalmente, sua tese reconhecida, até mesmo pelos seus mais ferrenhos opositores, pois ela é uma grande referência e um texto de grande notoriedade, um clássico no que concerne à questão do conceito de fronteira. Vale lembrar que Turner sempre orientou seus discípulos a repensarem suas afirmações definitivas, porque os homens vão sempre reescrevendo sua história.

A partir de Turner (2010), percebemos que fronteira pode abarcar conceitos diversos, dependendo do ponto de vista que se quer estabelecer. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2001, p. 1394) fronteira significa “parte extrema de uma área, região, etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro; o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países”.

Holanda (2008), em seu livro *Caminhos e fronteiras*, embasou seu conceito de fronteira em Turner (2010), porém, com ressalvas, uma vez que os estudos do americano concentravam-se na expansão do território norte-americano, portanto, uma história única. Logo na abertura de seu livro, ele escreve:

De qualquer modo seria injustificável a pretensão de aplicar os esquemas de Turner (2010) às condições que se criaram no Brasil e se associaram à sua extensão geográfica. O contraste entre as ações e reações dos herdeiros de um João Ramalho, por exemplo [...], e a dos *pioneers* da América anglo-saxônica é, com efeito, tão obviamente radical quanto o será, sem dúvida, o que subsiste entre as consequências próximas ou remotas que delas podem decorrer. (HOLANDA, 2008, p. 13).

Por incrível que possa parecer, Holanda se aproximou muito de Turner quando da escritura de

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

seu livro, pois ele aborda situações que surgiram do contato entre uma população que chegava com as pessoas. Todavia, parece só aí se convergirem, haja vista que a conquista do oeste brasileiro diferenciou-se, e muito, da do oeste americano. O resultado do contato entre os que chegavam e os que ali se encontravam não era como os da história de Turner.

O sertanista, como chamado por Holanda (2008), era o homem aventureiro que se embrenhava pelo sertão a fim de descobrir novos caminhos e lugares, porém, esse sertanista se transformava em um homem de fronteira, já que ele considerava o nativo como parte da natureza, sem subjetividades ou capacidade cultural e, por isso, também deveria ser conquistado.

Em “Raízes do Brasil”, por exemplo, a obra de Holanda (2008), pode-se aproximar da de Turner (2010), porém com uma construção diferente, principalmente no que se refere à questão histórica. Enquanto na história norte-americana há subordinação do homem frente à natureza, no Brasil, essa situação dá-se modo ambíguo. Assim, ela aconteceu pelo chamado do “paraíso” e ainda pelo aspecto temporal. A narrativa de Turner (2010) acontece de forma rápida, já a de Holanda (2008) vai se desenrolando lentamente. O processo de adaptação da fronteira é feito de modo moroso. O autor esmerou-se em descrever cada detalhe da “aventura” do sertanista que ia desde o modo de caminhar até ao estudo das plantas. Mostra-nos, ainda, que

Não importava que fosse uma colaboração absolutamente involuntária e indireta, como chega a sugerir Orville Derby, ao assegurar que os sertanistas ‘apenas seguiam caminhos já existentes pelos quais se comunicavam entre si os índios de diversas tribos relacionadas, ou grupos de uma mesma tribo’. (HOLANDA, 1995, p. 25)

Nesse caminhar, para adentrar na mata, delineiam-se as trilhas estreitas, construídas pelos índios, é quase uma pintura da atividade dos exploradores do oeste. É como um retorno à natureza. Desse modo, os estudos de Holanda (2008) são relevantes para que

[...] possamos entender porque nos sentimos ‘desterrados em nossa própria terra’, isto é, sondar as estruturas mais profundas de nosso modo de ser, para visualizar as possibilidades de modernização que nos reserva o futuro (NOVAIS, 2008, p.7).

No âmbito da tese de fronteira, é primordial que se recupere o horizonte natural da época do enfrentamento com as bandeiras.

Já nos estudos de Martins (2012), a fronteira assume a concepção de um lugar onde as sociedades e culturas diferentes se encontram, por que não dizer o encontro entre as sociedades civilizada e indígena. A fronteira é local limítrofe, da incerteza e, ainda, da busca desenfreada pelas

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

oportunidades, do novo. Nessa busca incessante, há espoliação dos menos favorecidos – camponês – que são obrigados a aceitar modos e concepções de vida diferentes. Há, também, assassinatos de índios que parecem ser obstáculos para que os conquistadores apoderem-se da tão sonhada terra. Martins (2012, p.10) descreve, assim, a fronteira, dizendo que é

[...] um cenário de intolerância, ambição e morte. É, também, lugar da elaboração de uma residual concepção de esperança, atravessada pelo milenarismo da espera no advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura. [...] Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão ‘do outro lado’, e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos.

Desse modo, o homem, enquanto ser conquistador e desbravador, tem na fronteira o seu alvo. É preciso ultrapassá-la para se afirmar, mostrar que venceu. É neste cenário que ocorrem os embates de toda ordem, seja de intolerância com aquele que promove obstáculos para que essa conquista se consolide ou de lutas travadas entre os que ocupam o lado diverso. Todavia, esse cenário é uma porta que se abre para uma vida melhor, a busca por um tempo novo que proporcionará fartura, desenvolvimento econômico, onde o homem possa fincar suas raízes e criar sua família, conquistar seu espaço.

Ainda de acordo com Martins (2012), a fronteira ainda continua sendo um lugar de morte e ressurreição com consequências que vão muito além daqueles que promovem os embates, elas ultrapassam barreiras e chegam à sociedade, como um todo, levando suas implicações conservadoras e inibidoras de mudanças sociais e da libertação do homem de suas carências mais dramáticas.

Nesse contexto, a história acerca da fronteira no Brasil – seu deslocamento – passa pelo histórico de resistência, revolta, protesto, de sonhos e esperança, uma vez que a história de fronteira no Brasil foi e é marcada por conflitos étnicos e sociais. O que temos presenciado e assistido até nos dias atuais são lutas de indígenas contra grandes proprietários de terras, envolvendo camponeses e moradores que ali já estavam há muito tempo.

Outro conceito de fronteira pode-se encontrar no trabalho de Oliveira (2000), em que a fronteira assumiu novo significado na medida em que o homem ocidental se encontrou e ao mesmo tempo pôs-se frente a frente com outro do qual ele não tinha conhecimento nem sabia como classificá-lo. Essa era a realidade dos descobridores do Novo Mundo, quando da conquista do oeste americano. Nesse contexto, o índio representava um desafio aos desbravadores. Seriam eles seres inferiores ou atrasados a ponto de convertê-los a uma realidade diferente da trazida pelo homem branco? É o que se

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

perguntavam.

Em resposta a essa questão, a autora afirma que a fronteira apresenta dupla face: a dos elementos explícitos e a dos implícitos. Os primeiros seriam “interação com o novo meio geográfico, relacionamento entre a história local/ regional com a nacional, apresentação do chamado ‘homem comum’ como centro da história norte-americana e a expressão do caráter americano; já os segundos elementos seriam:” a questão indígena, o papel do governo federal na ocupação/colonização das novas terras e, por fim, a fantástica expansão territorial” (OLIVEIRA, 2000, p. 129).

Voltando a concepção estabelecida por Turner (2010) de que “na fronteira o ambiente é, a princípio, muito mais forte para o homem. [...]”. Podemos afirmar que na fronteira o inusitado acontece, o que se esperava nem sempre é aquilo que se encontra. Fica evidente que os elementos explícitos apresentam menos dificuldades para a conquista, porque são de ordem geográfica e seguem métodos de organização. No entanto, os elementos implícitos fogem dos padrões pré-estabelecidos, porque se encontram dentro do campo da subjetividade.

Também se pode dizer que na fronteira cria-se o mito, aquele que conseguiu demolir obstáculos a fim de levar o progresso. Esse espaço, também chamado de o *wilderness*, remete-se, assim, a um paradoxo. Que de acordo com Oliveira

[...] é representado por duas imagens antitéticas que se fazem presentes nos mitos gregos e medievais. Uma, a da felicidade, a da ilha bem aventurada, a do paraíso, do lugar e do tempo antes do pecado. A outra, a do inferno, da obscuridade, da morte, do lugar vazio de homens, da solidão, do mundo das trevas (2000, p.127).

O mito da fronteira é, portanto, aquele que conseguiu galgar os empecilhos, desbravar a terra, abrindo-se para um Novo Mundo, alcançando a terra prometida e ficando ali suas raízes.

Na conquista do Oeste americano, ainda de acordo com a autora, a história mostra que esses desbravadores foram os representantes de um povo escolhido para habitar aquelas terras, os enviados legais, homens de sucesso, representados pelo homem branco, anglo-saxão e protestante. E nessa terra desconhecida, o homem depara-se com outro homem, com um novo modo de vida, até então, desconhecido, que ele não sabia como classificar, nomear. Mesmo assim, esse pioneiro embrenhou-se pelo ‘sertão’ desconhecido, ao mesmo tempo visionava um lugar melhor para se viver e construir uma nova vida, o tão sonhado paraíso, o espaço *wilderness*.

A palavra *wilderness* pode englobar dois significados de fronteira de acordo com Wegner (2000), quais sejam “uma linha entre a *terra povoada* e a *terra livre* ou ainda o *ponto de encontro* entre o

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

civilizado e o primitivo.”, significados referentes, especificamente, à fronteira norte-americana. Todavia, é importante perceber que tais significados, traduzidos para o português, já carregam a carga semântica de duplicidade de sentido, ou seja, tanto pode significar deserto, como algo selvagem.

O que aconteceu no Oeste norte-americano foi que a história juntou-se ao mito a fim de construir uma identidade nacional, no entanto, no Brasil, os mitos não foram eficientes para incluir a nação na sua narrativa histórica (OLIVEIRA, 2000). Os bandeirantes perpetuavam as lendas e mitos já existentes, tornando-se parte desse enredo a fim de expandir seus domínios e fronteiras (SILVA, 2011). Dessa maneira, o bandeirante é mito do sertão, o que promoveu a expansão territorial, constituindo-se “a principal experiência de fronteira na história brasileira” de acordo com Oliveira (2000, p.79).

Ao compararmos o conceito de fronteira estabelecido pelos autores, percebemos que há uma linha tênue que divide o que é fronteira em seu aspecto geográfico e o que é fronteira em seu aspecto psicológico, haja vista que ambos remetem a subjetividade de quem se propõe a transpor fronteiras. Os territórios a se conquistar dependem muito do que se propuseram os atores a enfrentar uma realidade que não era a deles, na busca pelas terras desertas e selvagens, mesmo que para que isso acontecesse, precisassem lançar mão de artifícios criados no imaginário do conquistador.

De acordo com Oliveira (2000), o tema da fronteira foi retomado nos Estados Unidos por meio da História Ambiental, ao propor uma relação entre o território e suas características naturais e a sociedade em seu processo de expansão e ocupação dos espaços vazios. Essa concepção é fundamental para a discussão que propomos nesta pesquisa, considerando essa referência como fundamentação teórica para a construção da relação entre o sertão goiano e a cultura sertaneja na obra de Bernardo Élis.

A fronteira como categoria, discutida no tópico acima, teve em Turner (2010) sua grande referência. No entanto, outros teóricos em suas análises acerca da fronteira e da ocupação de territórios, procuraram partir das observações de Turner (2010), muitas vezes confirmando suas assertivas, outras adaptadas a contextos histórico-geográficos distintos. É o caso dos estudos de Hennesy (1978) sobre a fronteira latino-americana, em que ele faz uma analogia entre fronteira e a tradição americana, entendendo que há uma distinção de sentidos dessa concepção (CAMPOS; SILVA, 2013).

Hennesy (1978) analisou a tese de Turner (2010) em que a conquista do Oeste americano foi descrita como rompimento da fronteira. Essa o englobava além do território, a construção de identidade de um povo, o lugar onde o cidadão poderia criar sua família e construir sua vida socioeconômica, criando local de bem-estar. A partir dessa análise, ele percebeu que na América Latina não havia uma fronteira a ser transposta, mas sim **fronteiras** que iam além da questão territorial, ou

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

seja, diferentemente do modelo de ocupação americano (CAMPOS; SILVA, 2013). (Grifo nosso)

De acordo com Fernandes *et. al.* (2013 p. 56-57)

Diferente da tradição democrática americana e o seu vínculo com a fronteira, na América Latina fatores específicos como nacionalidades múltiplas, balanço de poder entre as nações e fragmentação territorial e o poder local (caudilhismos) tornaram distinta essa forma de ocupação.

[...] o autor apresenta uma tipificação de fronteira a partir de modelos conceituais que envolvem os sentidos da ocupação territorial. Dessa forma, diferentes fronteiras, com diferentes modelos interpretativos, podem orientar uma reflexão acerca da relação entre as sociedades e os recursos naturais historicamente apresentados.

Por tudo que é analisado e pesquisado, história tem mostrado ao longo dos tempos que o trabalho de historiadores como Turner (2010), Martins (1996), Oliveira (2000), Holanda (2008), Hennesy (1978), Wergner (2000), McGreery (2006), entre outros, é às vezes, árduo e penoso, outras, prazeroso e gratificante, pois cabe a eles o papel de contar e demonstrar, por meio de pesquisas, como caminha a sociedade. É necessário lembrar que o trabalho do historiador não se constitui apenas em narrar fatos, mas sim fazer um estudo teórico das problemáticas que cercam a história de cada povo. Por isso o estudo da fronteira tem explorado continuamente por esses bravos pesquisadores da história geográfica e social do país.

A história de fronteira no Brasil é recente e marcada pela destruição, porém não deixa de ser uma história assinalada por revolta, oposições, mas ainda de esperança e sonhos. Isso podemos ver nas obras de Sérgio Buarque de Holanda, que trabalha com a história dos bandeirantes; nos relatos de Martins acerca dos conflitos estabelecidos na fronteira, nos estudos de Oliveira (2000) e Wegner (2000) sobre as diferentes concepções do que seja fronteira.

O enfrentamento de dificuldades pelo bandeirante é visto por Martins (1996) como o conflito que se estabelece na relação conquistador /conquistado. Segundo o autor, o tempo da fronteira é o de contradição, de lutas e destruição. Ele assim afirma:

A história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais. Entre 1968 e 1987, diferentes tribos indígenas da Amazônia sofreram pelo menos 92 ataques organizados, principalmente, por grandes proprietários de terra, com a participação de seus pistoleiros, usando armas de fogo. Por seu lado, diferentes tribos indígenas realizaram pelo menos 165 ataques a grandes fazendas e a alguns povoados, entre 1968 e 1990, usando muitas vezes armas primitivas como bordunas e arco-e-flecha. Houve ocasiões em que diferentes tribos fizeram ataques em diferentes lugares no mesmo dia. Nestes últimos trinta anos, diferentes facções da tribo Kayapó lançaram continuados ataques às fazendas de sua região, inicialmente para rechaçar os civilizados e depois de

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

pacificados para impedir que continuassem invadindo seu território (1996, p. 26).

Nessa luta pelo território, tanto índios como camponeses, moradores antigos e, ainda, os que estavam recém-estabelecidos viram-se envolvidos numa violência brutal imposta pelos grandes proprietários de terras. Esse embate resultou em assassinatos, expulsões e destruição de casas e povoados (MARTINS, 1996, p.26-27).

Para que possamos entender a história da fronteira no Brasil, é preciso que estabeleçamos a diferença entre duas concepções encontradas; uma por geógrafos, chamada frente pioneira, outra, estabelecida pelos antropólogos, denominada frente de expansão.

Enquanto os geógrafos veem a fronteira como espaço a ser explorado pelo empresário, fazendeiro, o comerciante e o pequeno empreendedor a fim de expandir a progresso e a economia; os antropólogos preocupam-se, além do progresso, com as populações pobres, sejam elas indígenas ou não, interessam pela inclusão daqueles que dela fazem parte como os vaqueiros, os seringueiros, os pequenos agricultores praticantes de uma agricultura de roça. Na verdade, essas são duas maneiras diferentes de perceber a fronteira. Cada uma, visando aspectos diferentes, mas não deixando de explorá-la. (MARTINS, 1996)

A concepção de frente pioneira é, na realidade, a de que fronteira é lugar onde se cria o novo, fundam-se novos projetos, uma nova sociedade que proporcionará trabalho e criará novas relações contratuais em sociedade. Essa frente busca abrir novos caminhos – relação espacial – assim como estabelecer laços sociais que levem à modernização, ao estabelecimento de outras concepções de vida e a mudanças sociais. Assim, ela deixa para trás aquilo que já está “ultrapassado”, esvaziado de significado.

Por outro lado, a frente de expansão, embora pense na inclusão dos vários atores que compõem a fronteira, ela, apesar de parecer contrária à frente pioneira, também se refere realidades sociais específicas, de modos particulares de organizar-se a vida social. Podemos, dessa forma, dizer que é uma situação de contato entre o civilizado e o primitivo. Aqui, voltamos à concepção de Turner (2010) de que fronteira era o limite entre “civilização e barbárie” (TURNER, 2010).

A partir dessa concepção, começaremos a analisar a conquista do Oeste brasileiro que, como o Oeste americano, foi marcado por embates, lutas e sofrimento. Segundo Wegner (2010), em citação feita a respeito da influência de Turner (2010), “na fronteira o pioneiro volta a estágios primitivos e, num processo contínuo, torna a evoluir rumo à civilização, apontando para uma nova nação”. É a sua adaptação ao meio que o cerca.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

Para Martins (2012), a frente de expansão seria a mais relevante para se fazer uma reflexão sociológica, já que se refere a “lugar e tempo de conflito e de alteridade” Segundo o autor, é necessário que entendamos que fronteira não apresenta só um lado. Existe o lado de cá e o de lá. O Brasil é um exemplo disso, se entendermos que os civilizados – localizados no litoral – avançam em direção ao outro lado da fronteira, a dos chamados não civilizados.

Os considerados civilizados apresentam concepções de vida diversas, cada um com sua respectiva opinião e posição acerca do que seja conquistar o outro lado da fronteira. São camponeses, garimpeiros, peões, fazendeiros, empresários, religiosos, o antropólogo e o historiador, todos buscando respostas para seus desejos e anseios, quaisquer que sejam eles, políticos, sociais, econômicos ou religiosos.

Holanda (2008), em seu livro “Caminhos e Fronteiras” que trata da conquista do oeste brasileiro, vemos o europeu sendo obrigado a se adaptar aos padrões de vida indígena, tendo que abdicar de seus métodos de caça, navegação, de seus hábitos alimentares para se adequar aos do nativo. Só depois, de algum tempo, muito lentamente, é que puderam retomar seus hábitos. Podemos perceber, ainda, de acordo com Turner (2010), que o oeste americano foi conquistado de modo rápido e dinâmico, enquanto a conquista do oeste brasileiro deu-se de forma lenta e estendeu-se até o século passado (WERGNER, 2000).

Conforme Holanda (2008), os bandeirantes, que penetravam nesse sertão brasileiro, perigoso e hostil, andavam, quase sempre, descalços. O autor dedicou um tópico inteiro sobre essa questão e dizia “O sistema de marcharem a pé e descalços teve ação persistente sobre os atos dos sertanistas” (HOLANDA, 2008, p.28). Em sua obra “Caminhos e Fronteiras”, o sertanista e/ou bandeirante é o conquistador, aquele que apesar dos empecilhos segue buscando seu objetivo. A questão do espaço é tratada como espécie de fronteira-movimento. Pode-se perceber que a história da nação se envereda para a parte interna, em que espaço conquistado é passível de modificações.

Wergner (2000) escreve que os bandeirantes, na obra de Holanda (2008), vão se adaptando ao modo de viver, bem como os artificios indicado pelos selvagens com o intuito de aos poucos submetê-los ao seu domínio. Assim, ele afirma que

Só é possível perceber a dimensão dessa quase completa adaptação ao ritmo e artimanhas sugeridas pelos seres da selva se comparada à relação com a natureza estabelecida, de maneira geral, pela civilização europeia, calcada, sobretudo, no objetivo de subordiná-la. Este tipo de relação tem seu espírito mais acabado, exatamente na modalidade de caça cultivada em sociedades do Velho Mundo, nas quais se constitui não em fonte de subsistência, mas em um nobre passatempo (WEGNER, 2000, p.148).

Em outra passagem do texto de Holanda (2008), percebemos que para alcançar a modernidade, os espaços conquistados precisavam ser ajustados conforme se esperava, senão vejamos:

[...] Na luta diuturna contra a floresta, onde todos os inimigos são traiçoeiros, não há lugar para se formar as imaginações intrépidas em que o civilizado se distrai da monotonia de um mundo sem constantes e mortais perigos. [...]

Mas essa raça soturna, ainda que sem muitas das virtudes heroicas dos grandes bandeirantes, continuou a prestar bons serviços, desbravando terras incultas, fundando capelas e povoados sertanejos e, sobretudo, dilatando no continente o mundo da língua portuguesa (2008, p. 122).

Sem embargo, percebe-se na história narrada por Holanda (2008) é a de ocupação do espaço territorial, mas que não se abstém de incorporar a noção de tempo e, ainda, de mostrar que esse território conquistado é base para a formação nacional.

Na percepção de Oliveira (2000), na conquista do Oeste brasileiro, o sertão aparecia como um espaço desconhecido, perigoso, habitado por selvagens e feras, entretanto, para o pioneiro, aqui chamado de bandeirante, era fonte de riquezas, a fronteira a ser transposta. Além disso, ele, o bandeirante, é o responsável pelo aumento do espaço territorial. Esse aumento de espaço territorial pode ser considerado, na ação das bandeiras, como principal experiência de fronteira na história brasileira. Analisando, assim, a fronteira, é o resultado da mudança, que conseguiria dissolver o paradoxo litoral/sertão (OLIVEIRA, 2000, p.79).

Nas palavras de Oliveira (2000, p. 80), a

[...] fronteira, assim como o sertão ou nação, não é conceito estático atemporal. Seu sentido de delimitação, definição e referência territorial de unidades sociopolíticas envolveu um longo e múltiplo caminho. Através de diferentes processos, chegou-se à noção de exercício soberano do poder sobre um território, mas para isso foi necessário seguir um controle militar, econômico, populacional, cultural e político-administrativo. O que hoje os mapas apresentam como parte ‘natural’ do espaço dos países, seu espaço territorial sua identidade geográfica, foi resultado de política – entre outras, fiscais – pelo estabelecimento de pontos de controle aduaneiro.

O oeste brasileiro recebeu vários nomes como sertão, ermos, gerais. Todas essas palavras remetem ao conceito de despovoado, lugar “nenhum”, onde havia apenas matas fechadas, impedindo o progresso do Brasil e que precisariam ser conquistadas. Também chamado de ermo, como se fosse um deserto desabitado, tão perigoso ele era. E assim, o oeste brasileiro foi servindo de pano de fundo para a história do Brasil.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

Tanto é verdade que, na época do Império, o interior do Brasil, mais especificamente Goiás, só serviu para exploração do ouro, gerando riquezas para o Estado. Todavia, como sempre, havia aqueles que procuravam se enriquecer, e de fato enriqueceram, passando por cima de tudo e de todos, a fim de obter vantagens para si mesmos. É a dicotomia explorador/explorado ou a dupla face a que a autora se refere. Luta permanente no confronto entre aqueles que estão em lados opostos da fronteira estabelecida.

A tese de fronteira apresenta, assim, uma dupla face. Há os elementos explícitos: interação com o novo meio geográfico; relacionamento entre a história local/ regional com a nacional; apresentação do chamado 'homem comum' como centro da história americana e expressão de caráter nacional. Por outro lado, ela omite ou não enfatiza suficientemente: a questão indígena, o papel do governo federal na ocupação/colonização das novas terras e, por fim, a fantástica expansão territorial (OLIVEIRA, 2000, p.129).

No Brasil, as bandeiras e os bandeirantes fizeram parte da imagem de conflito na construção da memória histórica do país. Se por um lado eles foram acusados de crueldades e assassinatos, por outro, foram também considerados responsáveis pela construção de uma identidade nacional, bravos e íntegros em sua conduta. O bandeirante de Oliveira (2000) remete ao de Holanda (2008), que podem ser entendidos, neste contexto, como o paulista que se aventurou pelo sertão em busca de riqueza.

A fronteira em Goiás

A fronteira em Goiás foi descrita por McCreery (2006), em seu livro *Frontier Goiás – 1822-1889*. Em seus estudos, o autor se apropria do conceito de fronteira de Turner para estudar os fenômenos que ocorreram na distante província de Goiás, tratando de questões como a dominação, violência, pobreza e o isolamento.

McCreery (2006) diz que Goiás poderia ser comparado a um queijo suíço pelos números de suas fronteiras. Essas fronteiras estavam separadas e cercadas pelos assentamentos, sustentadas apenas pelo ínfimo contato entre seus habitantes. E ainda, que a busca pelo ouro, o desinteresse dos habitantes pela agricultura, já que suas terras eram de qualidade variável, deixaram Goiás fora dos interesses dos grandes centros.

A busca pela riqueza trouxe o bandeirante para a ocupação de Goiás, que se concentrou nas regiões de extração do ouro. Mas, depois, com a decadência dessa exploração, a fronteira passou a ser explorada pela pecuária, ocupando o campo cerrado, desviando-se das áreas de floresta. Porém, para essas atividades, os campos eram queimados a fim de servirem de pastagem ao gado. (McCREERY,

2006)

Ainda, de acordo com o autor, a descoberta de ouro e pedras preciosas provocou uma corrida para Goiás entre os de 1720 a 1750. Os invasores dessas terras trouxeram doenças, que dizimaram vários grupos indígenas, pois além das doenças, os invasores eram brutos e violentos. No entanto, muitos índios revidaram e começaram a invadir e atacar os colonos. Isso pode ser visto até o presente século.

Conforme David McCreery (2006, p.13 - 14),

Para entender a trajetória histórica de Goiás no século XIX, é necessário, primeiro, compreender a sua posição como uma fronteira, lembrar, é claro, que todas as fronteiras são construções ideológicas, e todas as fronteiras necessariamente são experiências diferentes, dependendo de quem você é e de onde você está.

É importante lembrar que bem antes de as Bandeiras chegarem a Goiás, houve severos embates entre os indígenas e aqueles que para cá vinham explorar a riquezas. Já neste tempo, os habitantes indígenas provocaram grande modificação ecológica no espaço dos Cerrados, por causa dos incêndios feitos por eles com o intuito de limpar a terra para a agricultura. Essa era uma técnica adotada pelos europeus e que foi perpetuada ao longo dos tempos.

McCreery (2006) afirma, ainda, que “Goiás, então, foi um exemplo clássico de uma fronteira formada como resultado das demandas, ou possibilidades, da economia maior do mundo, neste caso, capitalismo comerciante, o valor é colocado no ouro” (2006, p.15) Tal era esse valor, que a fiscalização em torno da produção aurífera era muito grande. Os grandes proprietários das jazidas chegavam a impor limites para construção de casas e, até, para compra de mantimentos.

Corroborando com McCreery (2006), Martins (2012) afirma que, sociologicamente, uma maneira importante para adjetivar e conceituar fronteira no Brasil é, realmente, o conflito social, de um lado os índios (os não civilizados); de outro, os que se denominam civilizados. E ainda, de um lado dessa fronteira, os ricos proprietários de terra e, de outro, os camponeses pobres.

Percebe-se, portanto, que a fronteira é o lugar de encontro e desencontro, enfrentamentos e, também, lugar onde estão situadas as diferenças de realidades históricas, comparadas, inclusive, com a chegada dos europeus ao Brasil em 1500. Martins (2006, p.134) afirma que “a fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando outro se torna a parte antagônica do nós. Quando a história passa a ser a *nossa história* [...]”.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

Na percepção de Oliveira (2000), existem dois pontos de vista acerca do sertão. A primeira seria uma visão romântica e, a segunda, uma visão realista no que diz respeito ao espaço físico e ao homem que o habita. Na visão romântica, o sertanejo representa a identidade nacional pelo seu modo de viver, sua simplicidade e desenvoltura, sem a contaminação da vida que era levada no litoral. Já na visão realista, aquilo que era idealizado perde sua essência, uma vez que o sertão representa um obstáculo para urbanização.

Na literatura brasileira, o sertão é apresentado de três maneiras. A primeira retrata a visão romântica do sertão, como sendo lugar onde tudo era perfeito, lindo e justo; a segunda associa-o ao inferno, onde a natureza é dura, onde a violência é o que rege esse lugar de destempero; na terceira forma de vê-lo, o sertão é o purgatório, onde as pessoas pagam suas penitências, fazem suas reflexões, é o lugar de passagem. (OLIVEIRA, 2000)

Assim sendo, a fronteira, de acordo com Oliveira (2000), seria o resultado da mudança de perspectiva em relação ao sertão, já que estaria relacionada aos processos econômicos de incorporação e ocupação de vazios demográficos. A noção de fronteira seria capaz de diluir a dicotomia litoral/sertão, pois significa a oportunidade de chegada da civilização-litoral ao sertão-interior conciliando a qualidade positiva do litoral – a civilidade – com a crença de que interior/ sertão está preservado em um Brasil autêntico.

Essa afirmação nos leva de volta a tese de Turner (2010) que envolvia, a princípio, uma volta do estágio civilizado ao não civilizado para, depois, sofrer um processo evolutivo que levasse o homem à civilização. É o evolucionismo, o homem se adapta aos padrões nativos, primeiro momento. A sociedade formada na fronteira é pura, constrói suas próprias formas de viver sem se submeter a outras exteriores, atendo às exigências do meio em que vive, esse é o segundo momento.

Se a chegada da civilização ao interior daria impulso progressista, civilidade, é importante lembrar que Goiás, no final do século XIX e meados do XX, é exemplo explícito de fronteira, já que foi palco de embates, quando da vinda dos europeus para cá, a fim de explorar o ouro. Esses embates foram uma forma de revide dos índios contra os invasores (McCREERY, 2006).

Mas a exploração do ouro não durou muito, logo os exploradores bateram em retirada e muitos colonos fugiram ainda mais para o interior. Alguns levavam escravos, outros não, porque tinham que pagar suas dívidas aos credores. Apesar disso, uns permaneceram e passaram a cultivar lavouras e a criar animais a fim de sobreviverem.

O que se pode observar é que enquanto na conquista do oeste americano as cidades exploradas se transformaram em cidades-fantasma, em Goiás, de acordo com McCreery (2006), as

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

idades permaneceram, sobrevivendo à decadência do ouro. Esse fato ilustra, com clareza, a diferença entre o que resultou da conquista do oeste americano – rapidez em abrir e fechar fronteira – com a de Goiás, fronteira já urbanizada, ou melhor, velha fronteira.

Na história de conquista do Oeste americano e do Oeste brasileiro, segundo Oliveira (2000, p. 110), ocorre um triângulo cultural, assim descrito pela autora:

O triângulo cultural norte-americano – pioneiro/ *farmer*/ ianque – é comparado com o brasileiro: bandeirante/ senhor-de-engenho/ jesuíta. O bandeirante empreendeu a corrida do ouro, a caça ao índio, e teve que enfrentar o jesuíta, que lutou contra o seu comportamento moral. A descoberta do ouro, no final do século XVIII, fez a história voltar para o sentido predatório e confirmou na história brasileira, com seus ideais de conquista e de riqueza extrativa fácil.

Mais uma vez, é observada a história da fronteira descrita por McCreery (2006) quando da corrida do ouro no interior do Brasil, especificamente, em Goiás. Enquanto para o norte-americano a conquista representava oportunidade de uma vida nova, de um recomeço; para os brasileiros, essa fronteira representava a oportunidade de poder fazer o que era proibido na “civilização”. Aqui, no sertão, longe da fiscalização do governo, tudo podia ser feito. Isso mostrava bem o descaso do governo para com as populações desse lugar e a sua ineficiência em governar com austeridade o interior (McCREERY, 2006).

O território goiano, como é visto hoje, está longe de parecer com o espaço ocupado por Goiás antes da divisão do território brasileiro em províncias. Teixeira Neto (2013, p.19) revela-nos que “[...] Goiás nasceu 2/3 maior do que é hoje, [...]” e perdeu espaço para os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. O que antes somavam quase 1.000.000 de quilômetro quadrados, hoje somam aproximadamente 340.000.

Em seu artigo sobre a formação do território goiano, Teixeira Neto (2013) revela as perdas territoriais mas também mostra a displicência com que Goiás aceitava isso. Regiões com relevância econômica, urbana e geoambiental - caso do Triangulo Mineiro, a oeste; de Mato Grosso entre os rios Araguaia e das Mortes; de Mato Grosso, entre os rios Paranaíba, Paraná e rio pardo; aproveitaram de sua proximidade com São Paulo e Rio de Janeiro e desenvolveram-se. Goiás ficou isolado, já que ficava distante dos grandes centros e não despertava interesse nos governantes da época.

Teixeira Neto (2013) deixa claro esse desinteresse quando afirma que durante todo o processo de sua formação territorial, Goiás – que, na realidade, jamais pôde contar com a simpatia dos políticos centrais – sempre encontrou enormes dificuldades para manter estáveis as suas fronteiras e limites. Na verdade, até os dias de hoje, ele só encolheu em seus quilômetros. Parecia se conformar com isto, tão

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

diminutas eram suas possibilidades materiais e, sobretudo, políticas, para conservar tão vastas posses literalmente enclausuradas no coração do Brasil.

No Brasil, esse interior representa o sertão: "uma categoria da história situada entre a ficção e a realidade" (McCREERY, 2006, p. 15). Se considerarmos que para os norte-americanos a fronteira representava oportunidade para começar uma nova vida, vemos que para os brasileiros o sertão era um lugar lúgubre, perigoso, desconhecido, carente de Deus, sem sociedade ou estado. Nesse interior os habitantes vivem isolados de tudo e de todos, até de um governo que norteie suas ações, diferentes daqueles que vivem no litoral, pois no sertão os costumes são bárbaros, geram atos de ferocidades e podem-se presenciar crimes horrendos. Assim era visto o interior do país: sertão, ermo, gerais.

O deslocamento da fronteira sempre foi pautado por uma história de destruição, lutas, enfrentamentos. Historicamente, esse é um lugar onde os mais poderosos, grandes proprietários de terra, abusam de seus poderes para invadirem outras terras. Assim, a fronteira tem como marca relevante o conflito social.

A história tem mostrado, ao longo dos anos, esses encontros e desencontros estabelecidos na fronteira: índios versus civilizados, grandes proprietários contra os camponeses pobres. Segundo Martins (2012, p.133), "a fronteira é essencialmente o lugar de alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular."

A relevância dos estudos de McCreery (2006) ajuda-nos a construir uma tipologia de fronteira goiana, analisando dois contos de Bernardo Élis. Os contos A enxada e A crueldade benéfica de Tambiú, ambos das obras Veranico de Janeiro e Ermos e Gerais, respectivamente, apresentam quatro pontos distintos das características da fronteira Goiás descrita por McCreery (2006): o isolamento – por isso, ermo, sertão -; a dominação, exercida por quem detinha o poder; violência, os conflitos entre os nativos e o explorador; a pobreza, estabelecida pelo isolamento, desenvolvimento precário da província. No capítulo primeiro de seu livro *Frontier Goiás, 1822 – 1889*, o autor escreve sobre a estrutura do Estado, como se formou e como era governado.

As discussões de McCreery (2006) acerca da fronteira em Goiás, da estrutura de poder que se estabeleceram nessa fronteira, os embates entre índios e civilizados, assim como o isolamento de Goiás, dito pelo autor como a fronteira da fronteira ajudam-nos a compreender o conceito de fronteira na formação de Goiás, além de tornar mais evidente o porquê das narrativas de Bernardo Élis refletirem acerca do sertão, lugar esquecido, ermo.

Por estar localizado no interior do Brasil, longe dos grandes centros, Goiás provocava certa aversão aos que, porventura, poderiam ser nomeados para governar a província. No entanto, era

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

preciso estabelecer relações políticas e econômicas com o sertão, assim, nomeava-se um presidente para governá-la. Mas as pessoas, que eram nomeadas, muitas vezes nem moravam no local, pois não queriam ficar longe dos grandes centros, deixando por lá algum responsável para enviar os relatórios. McCreery (2006, p. 25) assim relata:

O Império geralmente encontrava dificuldades para preencher a presidência no interior. Nomeações para um posto mais perto da costa ou até mesmo um teoricamente inferior, como um juiz de distrito, contanto que fosse uma área mais acessível, eram normalmente preferidas a uma Presidência no sertão.

O mesmo autor escreve, no segundo capítulo, acerca do poder do Estado – o Império – sobre a província de Goiás, lugar de violência provocada por escravos fugitivos, índios e ciganos que migravam para zona rural, levando pânico às pequenas comunidades locais. Essas, por sua vez, pediam socorro ao Presidente da província. Muitas vezes, os poderosos da época, grandes proprietários de terras, “garantiam” a impunidade dos bandidos, o que impedia a polícia de prendê-los. Como foi o caso relatado por McCreery (2006, p. 66) em que

[...] o Coronel Honório Amâncio de Araújo, indiciado por homicídio, reuniu em torno de sua fazenda, perto de Santa Cruz, um bando de bandidos, incluindo Teixeira, criminoso procurado, intimidando a guarda nacional local, tornou impossível a prisão de qualquer um deles.

E assim, muitos criminosos de carreira eram apoiados e mantidos pelos coronéis, continuando a matar e levar medo àqueles que moravam nas pequenas comunidades. Alguns eram conhecidos por seus apelido como “José de Lacerda, também conhecido por ‘Dedão’, descrito como um ‘flagelo da humanidade’, Claudio Paranyba, ‘o terror bairro’, este que, com vinte anos, já possuía uma extensa folha criminal” (McCREERY, 2006, p. 66).

O poder de dominação dos grandes proprietários de terra estendia-se pela província e, principalmente, nas pequenas comunidades rurais, onde eles eram a “lei”. A maioria preferia não se indispor com nenhum deles, antes achavam melhor obter proteção desses, pois aos protegidos era dado apoio até mesmo para assassinatos cometidos que, de acordo com McCreery (2006), poderia ter seu julgamento adiado indefinidamente. Por esse motivo, a violência era constante na província distante.

Esse é um fator que corrobora para a comprovação de que Goiás apresentava-se, de acordo com McCreery (2006), como a fronteira da fronteira, o último lugar a que se podia ir, e ainda definido pelo autor como um “queijo suíço”, fazendo fronteira com várias outras províncias, proporcionando lutas sangrentas entre índios e colonos, uma vez que os primeiros sentiam-se donos da terra.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

De acordo com Oliveira (2013), havia o medo que dominava os colonizadores. Estes tinham receio de perderem suas vidas, suas famílias. Esse medo era constante, não só dos índios, mas dos escravos e dos mulatos. O autor escreve, também, que a colonização foi marcada pelo conflito entre índios e colonizadores. Oliveira (2013, p. 91) relata:

Desde os primeiros contatos entre colonizadores e Kayapó, com as entradas e bandeiras, a violência preponderou-se: [...] Com o surgimento dos primeiros arraiais, destinados a explorar as minas de ouro, a tensão entre as duas etnias aumentou consideravelmente. Talvez ‘tensão’ seja uma palavra por demais atônica para descrever o conflito entre brancos e colonizadores nos primeiros arraiais do ouro: o que acontecia era quase uma verdadeira guerra.

Assim, a fronteira colonizadora enfrentou muita oposição pelos indígenas quando do seu desenvolvimento, principalmente pelos Kayapó e Avá-Canoeiro, que apesar de derrotadas ainda promoviam ataques surpresa, provocando prejuízos aos fazendeiros e, ainda, aos pequenos povoados.

Além do medo, outro fator muito importante para entendermos os problemas vividos no sertão era a questão da pobreza. Os colonos dependiam dos grandes proprietários de terra e estabeleciam-se em pequenas porções de terra, executando uma cultura de subsistência. Eles trabalhavam para os senhores da terra ao invés de saírem para conquistar terras próprias, pois era melhor que enfrentar os bandidos contratados pelos “coronéis” a fim de exterminar aqueles que ousavam discordar ou terem vida própria. E, ainda, era melhor permanecer sob essa “proteção” a ter que enfrentar índios ferozes e violentos. Assim, os camponeses viviam com o que produziam, sem perspectivas de uma vida melhor.

A fronteira na literatura de Bernardo Élis

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu, segundo ele mesmo, nos cafundós e nos ermos do distante Goiás. Foi uma figura notadamente marcante de nosso Modernismo, consagrado por suas obras *Veranico de Janeiro* e *Caminhos e descaminhos*. Seu primeiro livro foi “*Ermos e Gerais*”, lançado em 1944, logrando enorme sucesso e bem visto pelos críticos da época, colocou Goiás no cenário ficcional brasileiro (ALMEIDA, 1985).

Bernardo Élis, foi um escritor comprometido com os valores históricos de sua época, traduzindo em seus contos a realidade de uma terra que sofria com o abandono do governo brasileiro. Nos contos *A enxada* e *A crueldade benéfica de Tambiú*, presenciamos os quatro pontos-chave da fronteira, descritos por McCreery (2006) que são o isolamento, a dominação, a violência e a pobreza.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

No conto A enxada, do livro Veranico de Janeiro, escrito em 1966, Bernardo Élis deixa em evidência a terra, o homem com suas desgraças e também suas crueldades, concomitantemente, ele desperta no leitor sensibilidade, acompanhando a saga de sofrimento imposta a “Piano”, que busca freneticamente o instrumento que parece libertá-lo, ou seja, a enxada. O cenário de isolamento, distanciamento, em que se encontra a roça onde Piano trabalha, ajudaram a descrever a fronteira goiana como a “periferia da periferia” (McGREERY, 2006).

Assim, percebemos que Hohlfeldt (1990, p.25), corrobora com McCreery (2006) quando afirma que

Bernardo Élis se aprofunda na crítica social, nas condições de violência, na exploração latifundiária, que caracterizam o desenvolvimento social e econômico das províncias brasileiras ainda hoje, fato facilmente verificável nas manchetes dos jornais. **Num espaço tipo fim-de-mundo**, esquecidas, marginalizadas, as criaturas de Bernardo Élis lutam e reivindicam por sua condição humana, ainda que restritas num círculo fechado de regras próprias, ética e moralmente diferenciadas do universo urbano e tecnológico, onde o tempo é um escorrer sem sentido, contínuo, infinito, com a mais absoluta estratificação das relações humanas, quase sempre animalizadas. (Grifo nosso)

Esse cenário de violência e dominação foi descrito por Bernardo Élis (1979) no conto A enxada, em que Capitão Elpídio, dono de grande propriedade, recebeu Piano em pagamento de dívida do delegado, obrigando-o a plantar uma roça de arroz. No entanto, Piano não possuía enxada para tal. Capitão Elpídio, não queria saber disso, ameaçou o negro caso não plantasse a roça até dia de Santa Luzia, treze de dezembro. Eis uma de suas conversas com o negro:

— Cala a boca, sô! Aqui quem fala é só eu. — Elpídio acendeu novamente o cigarro de palha e reafirmou: — Olha aqui, Piano. Hoje é dia onze. Até dia treze se ocê num tiver plantado meu arroz, esses dois soldados já tão apalvrados. Vão te trazer ocê debaixo de facão, vão te meter ocê na cadeia que é pra não sair nunca mais. Põe bem sentido nisso e pensa sua vida direito, olha lá! [...] Quero mostrar a esse delegadinho de bobagem que nele você passou perna, mas que eu, Elpídio Chaveiro, filho do Senador Elpídio Chaveiro, que esse ninguém não logra. Há-de-o! — Riu seu riso de dente de ouro, deu uma volta muito senhor rei: — É baixo, moreno! (ÉLIS, 1979, p.46-47).

Esse diálogo comprova o que McCreery (2006) trabalha em seu segundo capítulo, quando descreve as ameaças ao governo central, o que inclui a população de negros, índios e criminosos nessa época. Os grandes proprietários dominavam tudo e todos, sendo temidos, uma vez que contratavam criminosos para executarem os castigos e, até mesmo, mortes. Sabemos que o poder de dominação seja

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

governamental ou não se aproveita da vulnerabilidade dos seus dominados, mantendo-os na incerteza das ações que poderão advir dos dominantes.

Supriano (Piano) representa de modo extraordinário essa vulnerabilidade, porque sendo paupérrimo não lutava contra essa dominação, não tinha forças físicas e psicológicas para tal reação, mesmo tendo plantado a roça de arroz estabelecida pelo capitão, foi morto pelos policiais.

[...] — Óia, ô! Pode dizer pra Seu Elpídio, que no finzinho viu? Ah, que com a ajuda de Santa Luzia ... — E com fúria agora tafulhava o toco com a mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, [...]

[...]

Aí o soldado abriu a túnica, tirou de debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez o pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara no rumo do camarada.

Do seu lugar, Piano meio que se escondeu por trás de um toco de peroba-rosa que não queimou, mas o cano do fuzil campeou, cresceu, tampou toda a sua vista, ocultou o céu inteirinho, o mato longe, a mancha por trás do soldado, que era o sol querendo romper as nuvens (ÉLIS, 1979, p. 54-55).

O capitão Elpídio mantinha sob o seu poder aqueles que possuíam a lei em suas mãos. A cidade, controlada por coronéis, era muito pequena, um vilarejo, onde a pobreza era visível. Esse universo demonstra um contexto de autoritarismo e violência que ocorria no interior do interior. Esse era Goiás depois da febre do ouro no século XIX. Cidades quase que abandonadas, a população rural escassa, domínio dos grandes proprietários de terra.

De acordo com McCreery (2006), podemos afirmar que o conto “A enxada” é um exemplo explícito da pobreza, dominação e violência a que eram submetidas as pessoas. Se a enxada, tão procurada, fosse furtada por Piano, seria muito fácil rastreá-la, pois a cidade era pequena e o objeto seria encontrado rapidamente. Partindo daí, o dono de tal objeto poderia cometer assassinato, que este seria considerado como ato de legítima defesa.

Esse contexto de violência e isolamento nos reporta ao conto de Bernardo Élis (2005) a crueldade benéfica de Tambiú que acontece na cidade, cujo nome foi dado pelo bandeirante que a fundou, Amaro Leite. Essa cidade, bem antes de se tornar cenário para o conto de Élis, foi vítima de ataques indígenas. Os Canoeiros, como era denominada a tribo, entraram em luta com os colonos, sendo que os últimos permaneceram firmes.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

McCreery (2006), em seus estudos, escreve que as expedições enviadas para Goiás, chamadas de Bandeiras, tinham o objetivo de dominar, escravizar e erradicar os índios, como uma vingança pelo que eles faziam com os colonos. No entanto, no que diz respeito a Amaro Leite, o autor afirma que as Bandeiras não obtiveram êxito, sendo os líderes chamados pelo presidente de covardes e ignorantes, e ainda que a tropa fosse indisciplinada, incapaz de encontrar o chefe dos índios.

Amaro Leite foi descrita assim por Bernardo (2005, p.117):

Amaro Leite, fundada pelo bandeirante que lhe deu o nome, era uma povoação cadavérica do então anêmico sertão goiano.

Da cidade de outrora, só restava uma meia dúzia de casas velhas, sujas, arruinadas, tocaiando o tempo, na dobra da serra imensa. E na embriagues do silêncio purulento de ruínas, lembrava glórias mortas, tropel de bandeiras, lufa-lufa dos escravos minerando nos arredores auríferos.

A tristeza irônica das grandes taperas mostrava o rico fastígio burguês, gordo e fácil daqueles tempos de Brasil curumim.

Essa monotonia foi quebrada pela violência de Tambiú, cangaceiro na Paraíba cansado, porém, de matar e roubar ali, afundou-se nos rumos de Goiás, pelo luxo exclusivo de mudar de ares (ÉLIS, 2005, p.120). Assim, Tambiú com os companheiros andou saqueando garimpos, enchendo-se de diamantes, fugindo para a capital. Lá se estabeleceu como uma força pública e foi enviado a Amaro Leite como fiscal de eleições.

Como sabemos, o poder de dominação e autoritarismo fazia parte daqueles que dominavam a província de Goiás e Tambiú não fugiu à regra. Obrigava as pessoas a darem o que ele queria, chegando até atirar em um habitante da cidade, porque este olhava para ele. Mas o chefe político do lugar não gostou da concorrência, mandando dois cabras atrás dele, que fugiu para outro lugar.

Nesta narrativa, podemos perceber como o poder, seja ele para controlar ou violentar a sociedade, é tema recorrente nos contos aqui analisados. A violência é narrada de forma a nos revelar a agressividade que pairava sobre as pequenas cidades encravadas no interior de Goiás. A morte no sertão tem requintes de intensificação. Assim,

Nos ermos e gerais, o destino do homem é conduzido ou pelo poder do coronelismo ou pelo poder do acaso, do imprevisível, do que, paradoxalmente, não se prende a um domínio lógico, mas que condiciona uma situação e regula o valor de um comportamento. O imprevisível, nos ermos generalistas, muitas vezes, adquire comicidade, burla o esperado e mostra o homem diante do ridículo, do escárnio (MARQUEZAN, 2005, p. XXIX).

Apesar de o conto *A crueldade benéfica de Tambiú* ter um cunho cômico, a violência é colocada de modo explícito, mesmo resultando em algo que beneficiasse a quem foi atingido por ela. Desse modo, Bernardo Élis (2005), revela-nos a vida dos habitantes dos ermos, lugares esquecidos pelo progresso e civilização.

A cidade de Amaro Leite comprova o que McCreery (2006, p. 9) relata em seus estudos “*Frontier Goiás*”, pois

[...] no século XIX, Goiás exibiu um surpreendente número de cidades, que originou da mineração [...] cidade foi um termo relativo. Não foram mais que assentamentos em Goiás século XIX, mais propriamente pequenas aldeias (Arraiais) do que cidades. Essas permanecem praticamente vazias durante a maior parte do ano, enchendo-se apenas quando as pessoas da zona rural vão para as festas de padroeiros, eleições, júri [...]

Tanto *A enxada* como *A crueldade benéfica de Tambiú* demonstram de maneira relevante esse abandono que as cidades sofreram depois da época da mineração, quando os bandeirantes para cá vieram em busca de riqueza. Mas Goiás era distante, isolado da capital e quando o ouro se esgotou, as cidades foram abandonadas à própria sorte, ficando aqui apenas aqueles que adquiriram propriedades e, de uma forma ou de outra, dominavam e exploravam os menos favorecidos.

A fronteira foi um lugar de realizações e frustrações, onde o homem encontra consigo mesmo, percebendo seu poder e suas fraquezas estabelecidos pela luta constante entre o que quer e pode fazer. Nessa fronteira a natureza pode ser aliada ou inimiga, dependendo do ideal proposto pelo indivíduo na sua busca por dias melhores.

Goiás, como descrito por McCreery (2006), apresentava não uma fronteira, mas várias, onde tudo podia acontecer e esse tudo foi muito bem retratado nos contos de Bernardo Élis. A dominação exercida pelos poderosos, que controlavam a província e mantinham as pessoas subjugadas, como em “*A enxada*”, o isolamento da província que conservava livre os criminosos da época, vindos para Goiás certos de poderem continuar a exercer sua” profissão”, descrito em “*A crueldade benéfica de Tambiú*”. Diante de tudo, podemos notar como McCreery (2006) e Bernardo Élis conversam entre si, de modos distintos, para demonstrarem como a questão da fronteira envolve as relações humanas.

CONCLUSÕES

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

A proposta inicial desta pesquisa era a analisar os domínios, fronteira e natureza nas representações da cultura goiana e sua relação com o Cerrado na obra de Bernardo Élis, todavia depois de fazermos várias leituras, resolvemos mudar o corpus da pesquisa, uma vez que as leituras serviriam para ajudar-nos na definição desse. Continuamos com a mesma proposta, mas com o corpus definido: o de estudar fronteira e natureza na obra de Bernardo Élis, assim, concentramos nossas leituras para execução do trabalho.

Partindo da perspectiva da História Ambiental, da História e da Literatura, vimos a possibilidade de discutirmos a relação dessas ciências na obra do escritor Bernardo Élis em cuja obra encontramos a representação da fronteira e da natureza de maneira clara, haja vista que Élis usa a ficção a fim de mostrar a cultura e modos vivendi do povo do interior goiano. Em momento algum percebemos em seus contos, analisados por nós, a ausência das paisagens e da própria vivência nas histórias apresentadas por ele.

A fronteira e a natureza são muito claros na obra de Bernardo Élis. A fronteira é bem representada em seus contos, principalmente quando o autor demonstra a questão do sertão e do isolamento por que Goiás passava no início do século XX, assim também o é a natureza, matéria-prima de seus contos, sem a qual as histórias não teriam sentido, já que essa está presente não só nos contos aqui estudados, mas em toda a obra do autor. Pois ele vivenciou cada elemento da natureza exposto em seus contos, haja vista que o autor morou no interior desse interior de Goiás, que foi Corumbá.

A História Ambiental e a Literatura nos ajudaram a compreender melhor os processos de ocupação do sertão-goiano (Cerrado) na medida em que nos ofereceu dados relevantes para que pudéssemos perceber tal acontecimento na obra do autor. Desde estudos sobre a fronteira feitos por grandes historiadores presentes nesta pesquisa, cujos trabalhos fizeram-nos entender a questão da fronteira na obra do autor, até a relação da Literatura com a História sem a qual não conseguíamos perceber que o escritor, em determinada época e lugar, usando de suas vivências, promovendo na ficção, não um documentário, e sim uma história documento.

Os contos de Bernardo Élis ilustram muito claramente a relação do homem com a natureza. Esta está tão presente em suas histórias que elas perderiam o sentido se assim não o fossem. A luta do homem para conseguir permanecer em um lugar ermo, deserto esquecido dos grandes centros é, de maneira óbvia, descrita nas histórias. O que pudemos perceber é que o atraso X modernidade aparece de forma gritante em seus escritos, que vão desde a linguagem à localização de Goiás.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

As histórias de “Piano”, no conto “A enxada”, a da família “dos Anjos” em “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá” e a de Tambiú em “A crueldade benéfica de Tambiú” foram eficientes para pudéssemos entender e demonstrar nesta pesquisa os pontos principais elencados por nós. A fronteira e a natureza fazem parte da vida de Bernardo Élis, seus contos trazem justamente questões acerca da conquista do sertão- goiano (Cerrado), seus legados para um território, que até o início do século XX foi deixado de lado, lugar de lutas e exploração.

Sabemos que todo escritor literário carrega em sua obra os sentidos impregnados em si mesmo e que para podermos compreendê-la, é necessário que procuremos em outros textos esses sentidos. Foi a isso que esta pesquisa se propôs. Esperamos que este trabalho possa contribuir para aqueles que, com certeza, poderão aprofundar no tema explorado por nós, pois sabemos ser este estudo apenas o primeiro passo de outros que virão, com mais profundidade e entendimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudos sobre os quatro regionalistas*. 2. Ed. Goiás: Editora da UFGO, 1985.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre história e a memória*. Bauru: Edusc, 2000. p.256 (Coleção História).
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 30 nov. 2014.
- CAMPOS, Francisco Itami; SILVA, Sandro Dutra. *Coronéis e camponeses: a fronteira da fronteira e a tese da “ficção geográfica” em Goiás*. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.
- ÉLIS, Bernardo. A vida são as obras. In: Remate de Males. *Revista do Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/UNICAMP*, nº 17 (1997), Campinas, 1997, p. 15-116.
- _____. *Ermos e Gerais*. São Paulo: Martins Fonte, 2005
- FERNANDES, Maria de Fátima; SILVA, Sandro Dutra; TAVARES, Giovana Galvão. *A fronteira ouro e outras fronteiras nas gerais do Oeste: história ambiental e mineração em Pilar Goiás nos séculos XVIII e XIX*. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARCHEZAN, Luiz G. *Apresentação*. ELIS, Bernardo. Ermos e Gerais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

McGREERY, David. *Frontier Goiás, 1822-1889. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2006.*

MARTINS, Jose de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

NOVAIS, Fernando A. *Prefácio*. Holanda, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HENNESSY, Alistair. *The Frontier in Latin American History*. London: Edward Arnold, 1978.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

SILVA, Sandro Dutra e. *As cicatrizes do progresso: O desbravador do Oeste e as narrativas do enfrentamento e devastação da natureza na construção da Rodovia Belém-Brasília*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: 2011.

TEIXEIRA NETO, Antônio. *A certidão de nascimento de Goiás: uma cartografia histórica da Fronteira*. In: SILVA, S. D.; PIETRAFESA, J. P.; FRANCO, J.L.A; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. *Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás/ Gráfica e Editora América, 2013.

TURNER, F. J. *The frontier in American history*. Minneola, New York: Dover Publications, Inc.: 2010.

WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MICHAELIS: *moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p. 1ª Edição 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

FRONTEIRA: theoretical basis for the discussion of nature and territory

ABSTRACT

Abstract: *Epistemologically the scientific study aims to be a conquest of the classical approach to the term frontier, which will serve as support for the various studies proposed in the socio-environmental field, serving as a research universe in the*

FRONTEIRA: base teórica para a discussão de natureza e território

Aurea Marchetti Bandeira; Francisco Itami Campos; Eumar Evangelista de Menezes Júnior

State of Goiás. Descriptive research, based on a deductive and Bibliographical procedure is supplied / fed by physical works and scientific articles all the construction of a theoretical-methodological basis for the understanding of the relation between society and nature to the conquest of a full border concept, having as background the literary texts of Bernardo Elis And of several others its conception.

Keywords: *Historicity. Territorial field. Border.*